



Mulheres na Poesia Brasileira

"Longo tem sido o percurso da poeta. Seus tantos livros testemunham seu trabalho, reconhecido pela crítica especializada como definitivo na história da poesia brasileira. Em cada obra novos assuntos, outras percepções, diversas descobertas nos instigam. Suas exigências em fazer da poesia um espaço para melhor falar e convidar o leitor a se escutar, conferem à sua poesia especial função."

Assim Bartolomeu Campos de Queirós apresenta Yeda Prates Bernis, um dos nomes incluídos nesta exposição. Assim também poderiam ser descritas todas as demais: Cecília Meireles, Adélia Prado, Laís Corrêa de Araújo, Cora Coralina, Ana Cristina Cesar, Maria Esther Maciel, Hilda Hilst, Maria do Carmo Ferreira.

São poucas as poetisas brasileiras destacadas pela crítica. As razões, não sabemos. Sabemos que do ofício de cada uma delas "de velar as emoções, sem se perder em palavras dispensáveis, surge um invento admirável capaz de acariciar a dor, decifrar o segredo, abrandar o desassossego, revelar o encanto. Daí ser poesia propícia a todos".

A Superintendência de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Estado de Cultura coloca à disposição das bibliotecas públicas de Minas Gerais mais uma exposição itinerante, uma pitada de boa poesia a contaminar os leitores. Bom proveito.

Maria Augusta da Nóbrega Cesarino
Superintendente de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais

YEDA PRATES BERNIS

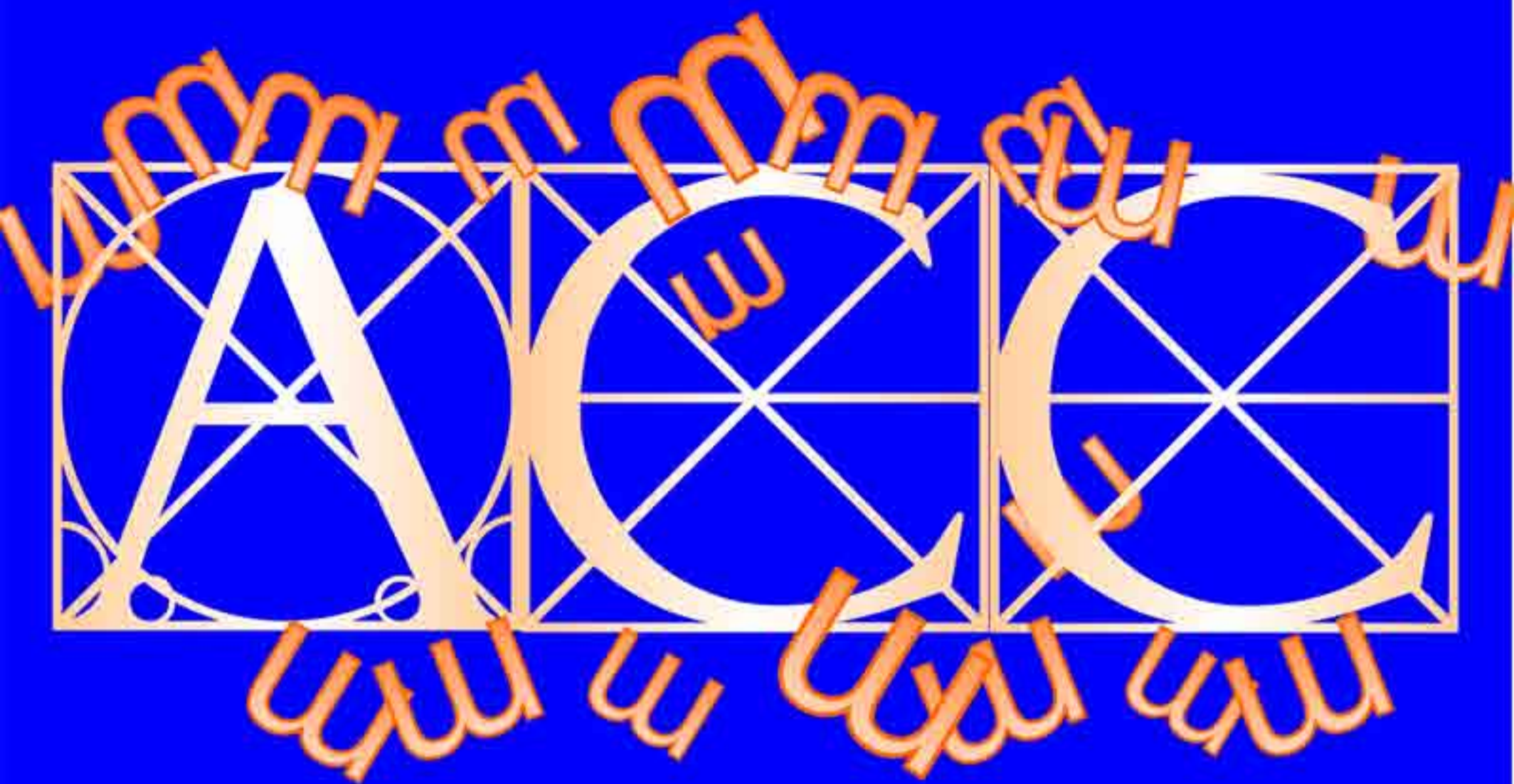
Yeda Prates Bernis

ELEGIA

Para Henriqueta Lisboa,
in memoriam

O poeta está morrendo.
O mundo faz um minuto de silêncio
em sua vida
e as coisas, em volta, se aquietam.
Por um débil momento o poeta quer o
colo da vida.
Palavras se debruçam
sobre ele e soluçam.
A solidão da palavra
é filete de chumbo
derretendo o coração.
O poeta sabe que vai morrendo,
seu estro se cansou,
não mais fala de amor.
Sua poesia se achega ao lado
da janela e busca a luz.
Uma nuvem se derrama sobre o
agora
inexorável mortalha em ouro e prata.
Fecha-se, de vez, a caixa de Pandora
quando frouxo laço
ligando céu e terra
se desata.

Cantata pág. 46

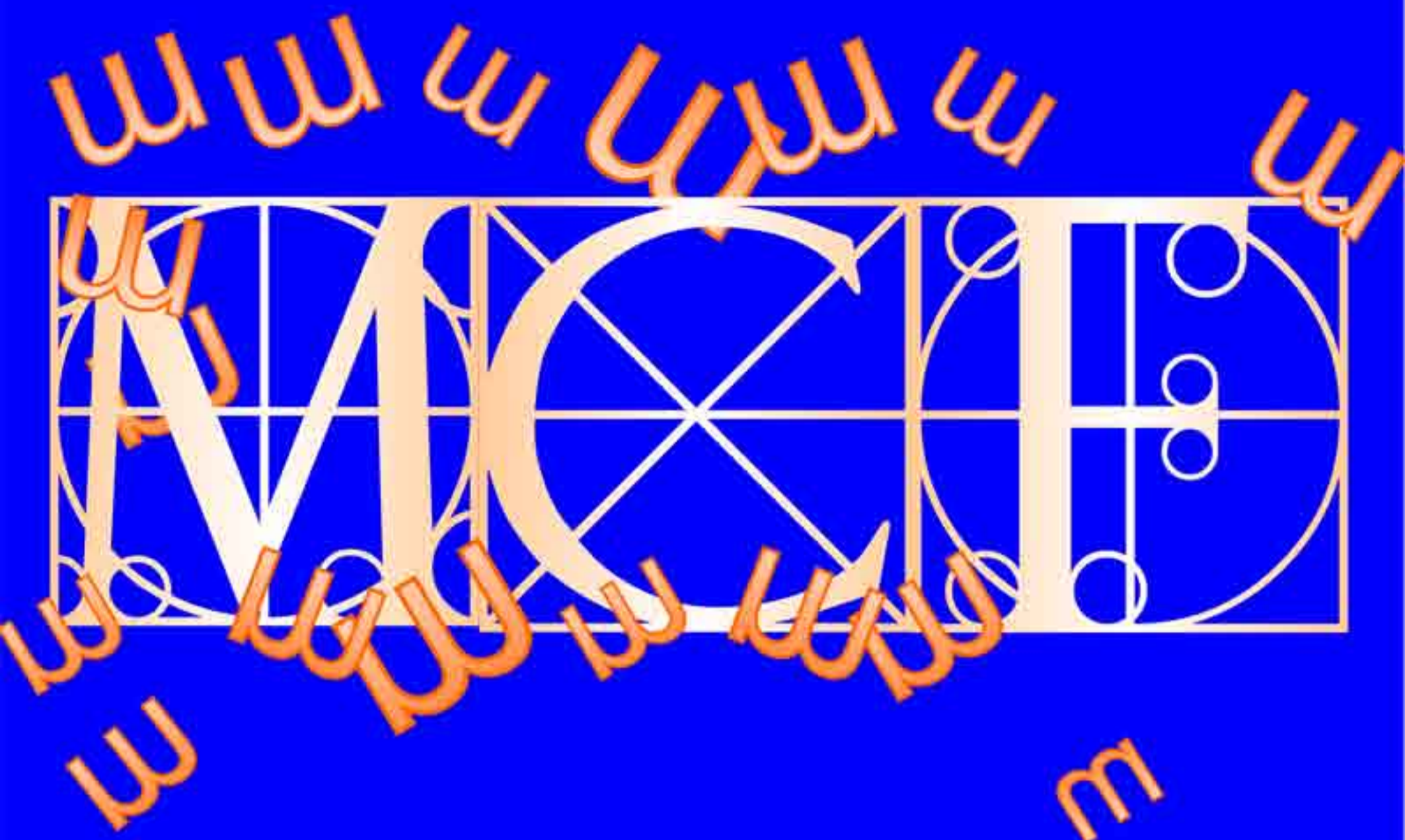


Ana Cristina Cesar

FLORES DO MAIS

devagar escreva
uma primeira letra
escrava
nas imediações
construídas
pelos furacões;
devagar meça
a primeira pássara
bisonha que
riscar
o pano de boca
aberto
sobre os vendavais;
devagar imponha
o pulso
que melhor
souber sangrar
sobre a faca
das marés;
devagar imprima
o primeiro
olhar
sobre o galope molhado
dos animais; devagar
peça mais
e mais e
mais

26 Poetas Hoje, Editorial Labor do Brasil, 1976.



Maria do Carmo Ferreira

AUTO-RETRATO

Nasci no rame-rame das abóboras.
Meu plano é horizontal. Vivo de cócoras.
Se me ergo, me espatifo. A gravidade
colou meu ser ao chão: cresço à
vontade.

A crosta é dura. No corpo volumoso
a polpa é só fartura e paga o esforço
de rastejar como uma tartaruga
e refletir ao sol minha armadura.
Uma fome objetiva me devora
como a dos porcos que não comem
pérolas

ou a dos pobres que não comem porcos.
Com ou sem sal, metáfora ou plethora
viro alimento no momento justo.

Ao fogo brando e lento mais me aguço.
Não sinto a tentação das ramas altas:
maracujá, chuchu, nada me exalta.

Nem mesmo a solidão das uvas verdes
quando o desdém dos homens as
prescreve.

No ventre universal ocupo um espaço.
A vida faz-se em mim. Vegeto, e passo.

[Http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/p00/p000693
.htm](http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/p00/p000693.htm)

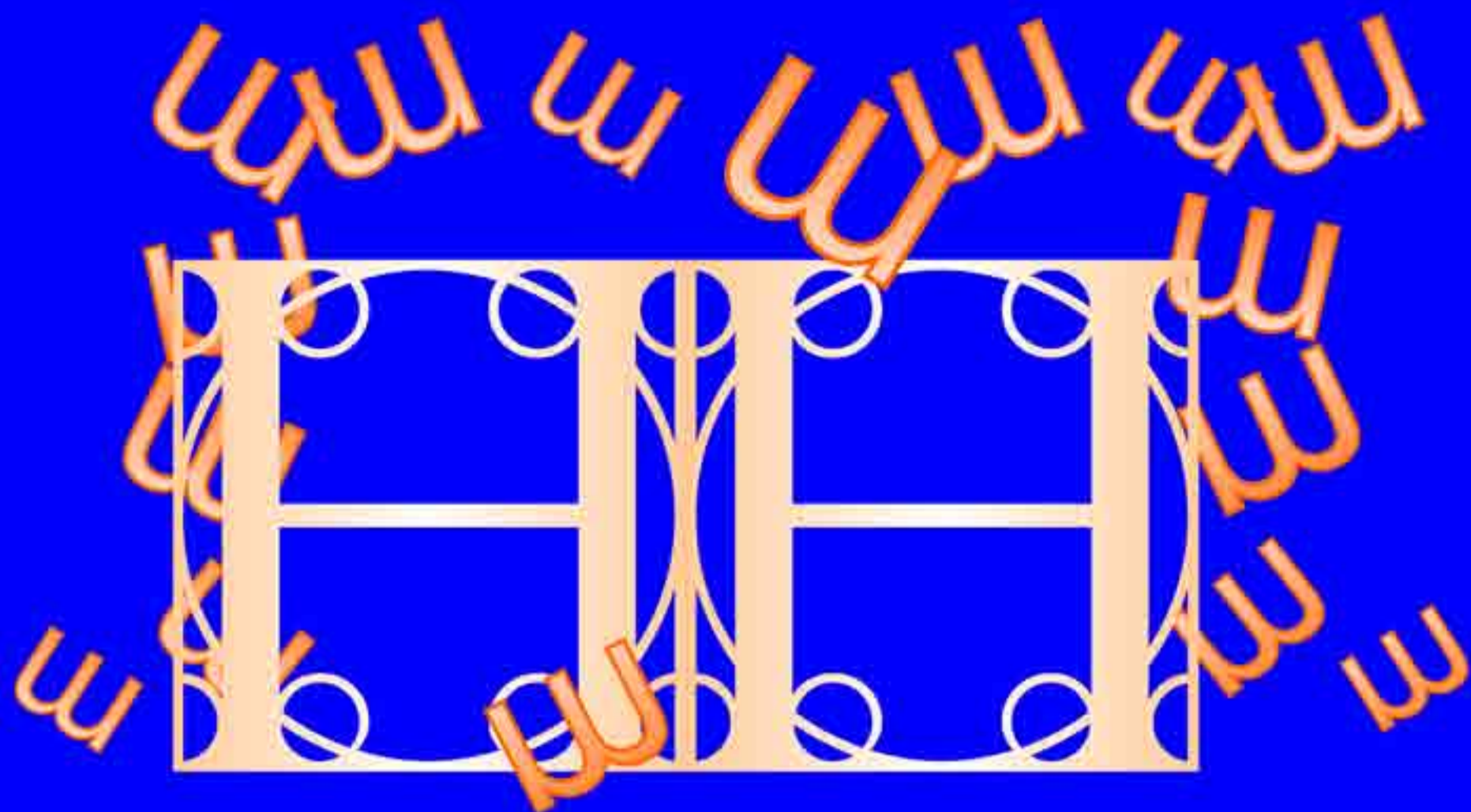


Maria Esther Maciel

AULAS DE DESENHO

Estou lá onde me invento e me faço:
De giz é meu traço. De aço, o papel.
Esboço uma face a régua e
compasso:
É falsa. Desfaço o que fiz.
Retraço o retrato. Evoco o abstrato
Faço da sombra minha raiz.
Farta de mim, afasto-me
e constato: na arte ou na vida,
em carne, osso, lápis ou giz
onde estou não é sempre
e o que sou é por um triz.

Triz, Orobó Edições, 1998.



Hilda Hilst

AMAVISSE

I

Carrega-me contigo, Pássaro-Poesia
Quando cruzares o Amanhã, a luz, o
impossível
Porque de barro e palha tem sido esta
viagem
Que faço a sós comigo. Isenta de
traçado
Ou de complicada geografia, sem
nenhuma bagagem
Hei de levar apenas a vertigem e a fé:
Para teu corpo de luz, dois fardos
breves.
Deixarei palavras e cantigas. E
movediças
Embaçadas vias de Ilusão.
Não cantei cotidianos. Só te cantei a
ti
Pássaro-Poesia
E a paisagem limite: o fosso, o
extremo
A convulsão do Homem.
Carrega-me contigo.
No Amanhã.

Amavisse, Massao Ohno,
Editor, 1989, SP



Cecília Meireles

ROMANCE XXIV OU DA BANDEIRA DA INCONFIDÊNCIA

... Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
"Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio..."
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:

"Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam..."
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,

Ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
Já são réus pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).

Melhores poemas Cecília Meireles, Global, 2000.

Cecília Meireles



MOTIVO

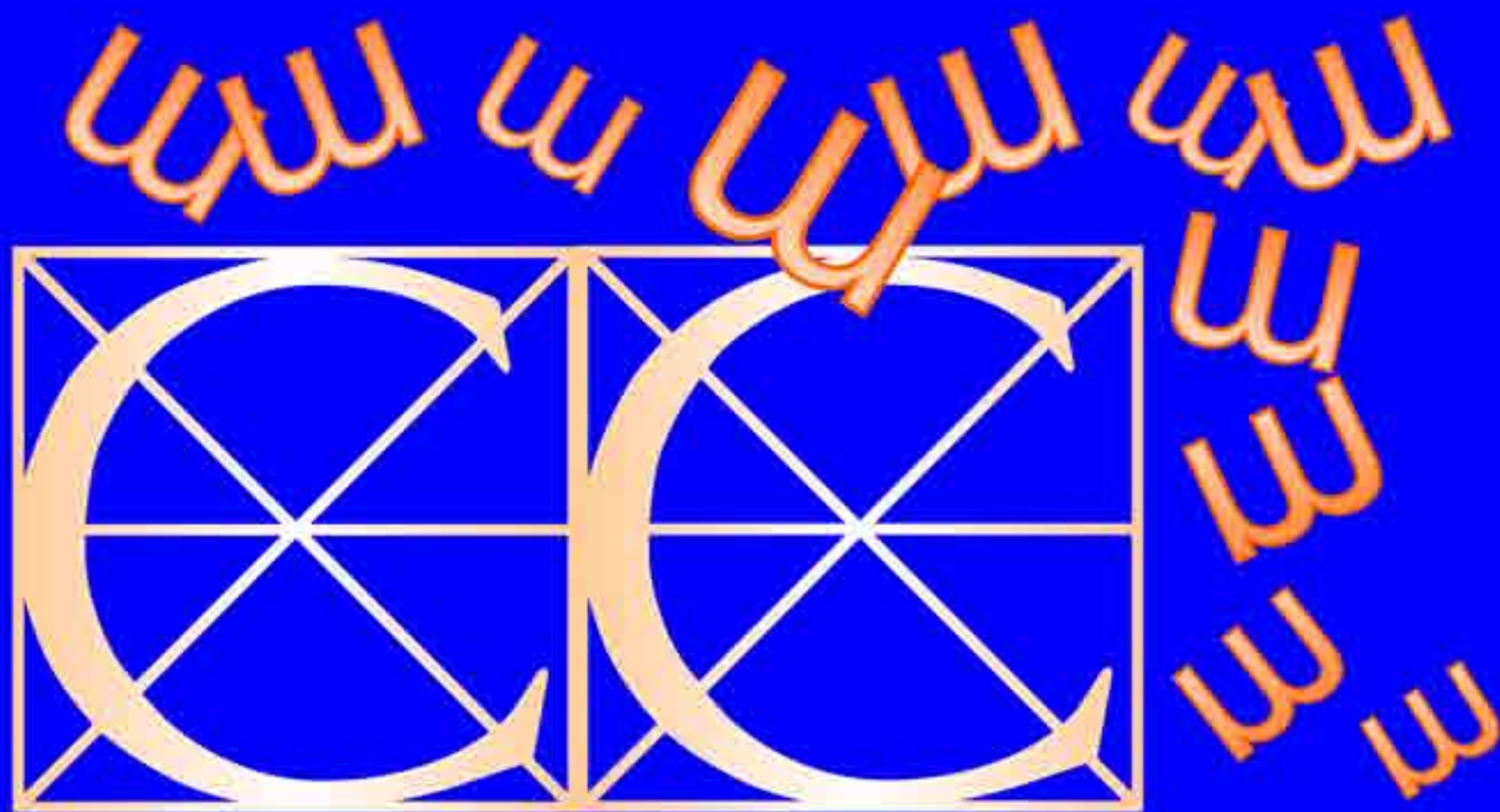
Eu canto porque o instante
existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou se desfaço,
- Não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno e asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.

Melhores poemas de Cecília Meireles, Global, 2000.



Cora Coralina

LUCROS E PERDAS

I
Eu nasci num tempo antigo,
muito velho,
muito velhinho, velhíssimo. (...)

III
Fui menina do tempo antigo.
Comandado pelos velhos:
Barbados, bigodudos, dogmáticos
botavam cerco na mocidade.
Vigilantes fiscalizavam,
louvavam, censuravam.
Censores acatados. Ouvidos.
Conspícuos.
Felizmente, palavra morta. (...)

V
Fui moça desse tempo.
Tive meus muitos censores
intra e extra-lar.
Botaram-me o cerco.
Juntavam-se, revelavam-se
incansáveis. Boa gente.
Queriam me salvar.

VI
Revedo o passado,
balanceando a vida...
No acervo do perdido,
no tanto do ganhado
está escriturado:
" Perdas e danos, meus acertos.
Lucros, meus erros.
Daí a falta de sinceridade nos meus
versos".

Meu livro de cordel, Global, 1988.

VIDA DAS LAVADEIRAS

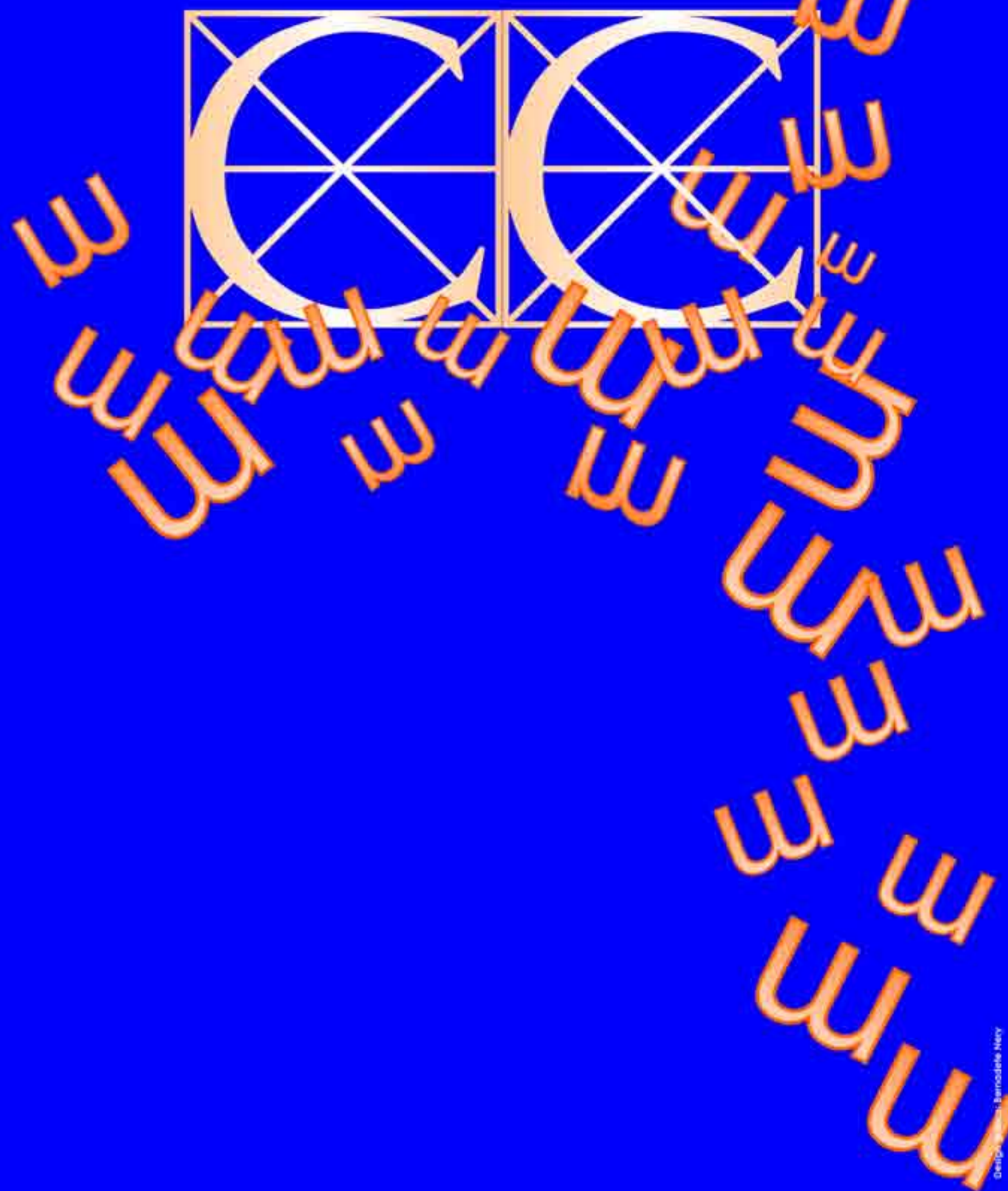
Sombra da mata
sobre as águas quietas
onde as iaras
vêm dançar à noite...
Não. Mentira.
Façamos versos sem mentir.
Onde batem roupa
as lavadeiras pobres.

Sombra verde dos morros
no poço fundo
da Carioca
onde as mulheres sem marido
carregadas de necessidades,
mães de muitos filhos
largados pelo mundo
batem roupa nas pedras
lavando a pobreza
sem cantiga, sem toada, sem alegria.

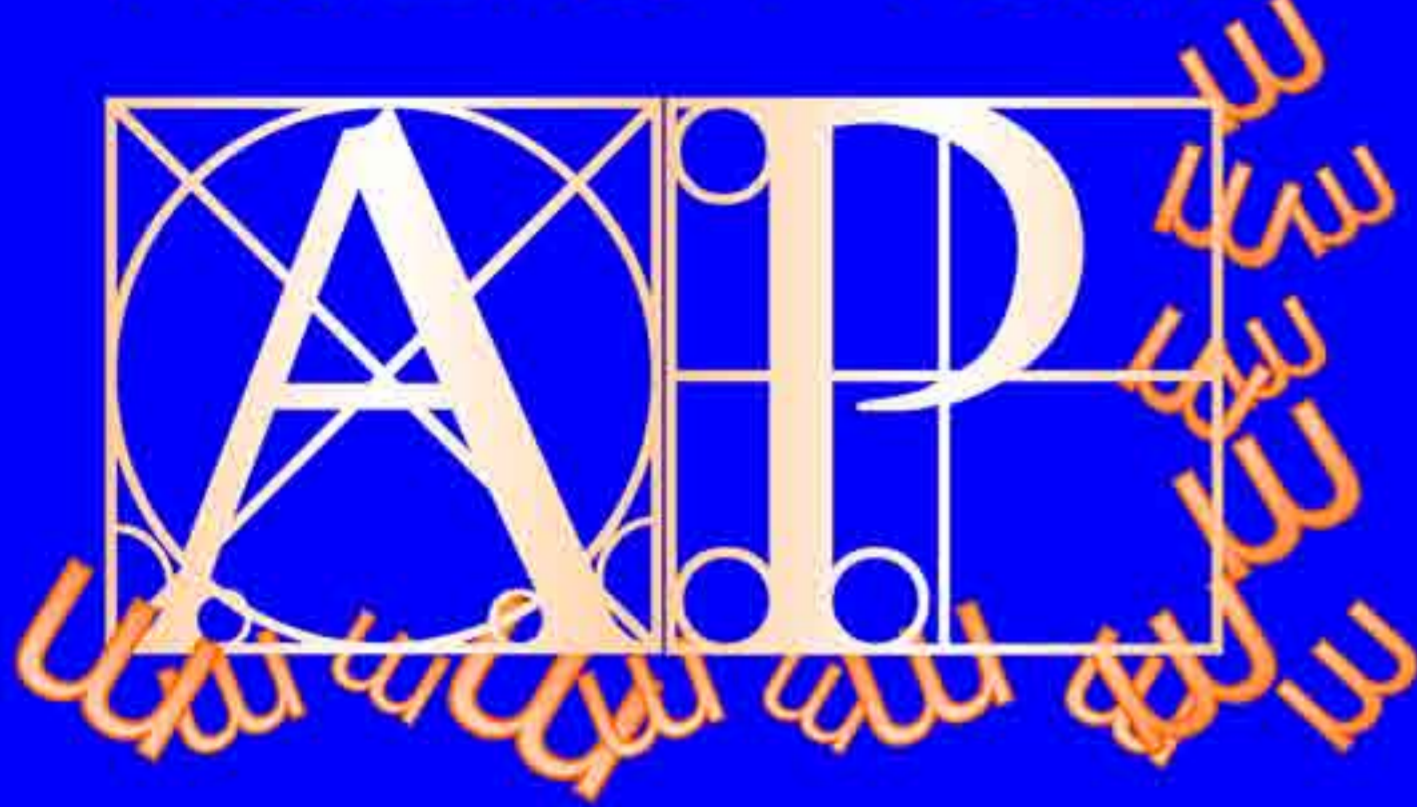
Quero escrever versos verdadeiros.
Por que será, Senhor
que a mentira se insinua
nos meus versos?
Onde vive você, poeta, meu irmão
que faz versos sem mentir?

Meu livro de cordel, Global, 1988.

Cora Coralina



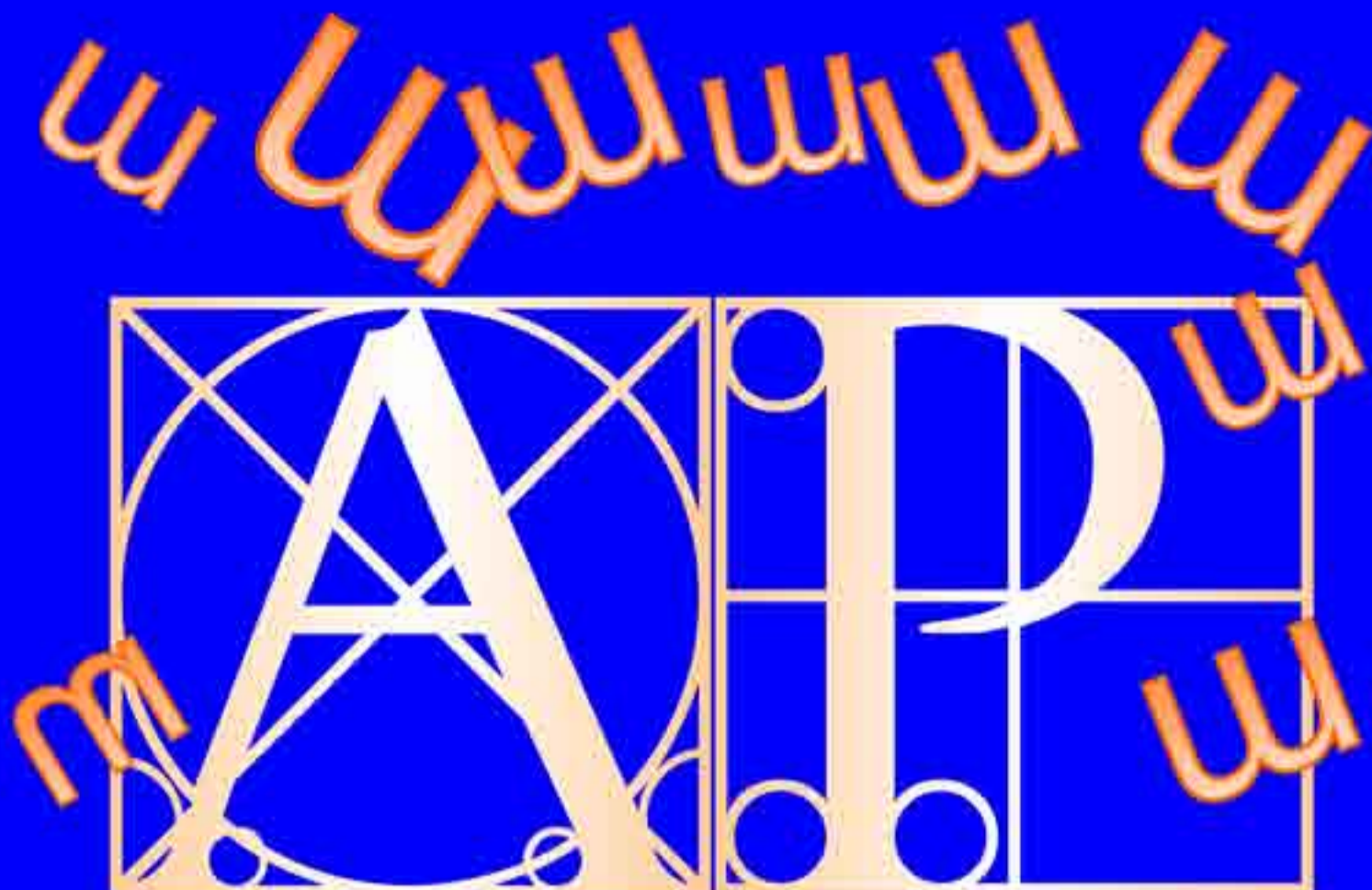
Adélia Prado



A SERENATA

Uma noite de lua pálida e gerânios
ele viria com boca e mãos incríveis
tocar flauta no jardim.
Estou no começo do meu desespero
e só vejo dois caminhos:
ou viro doida ou santa.
Eu que rejeito e exprobro
o que não for natural como sangue e
veias
descubro que estou chorando todo
dia,
os cabelos entristecidos,
a pele assaltada de indecisão.
Quando ele vier, porque é certo que
vem,
de que modo vou chegar ao balcão
sem juventude?
A lua, os gerânios e ele serão os
mesmos
só a mulher entre as coisas
envelhece.
De que modo vou abrir a janela, se
não for doida?
Como a fecharei, se não for santa?

Poesia reunida, Siciliano, 1991.



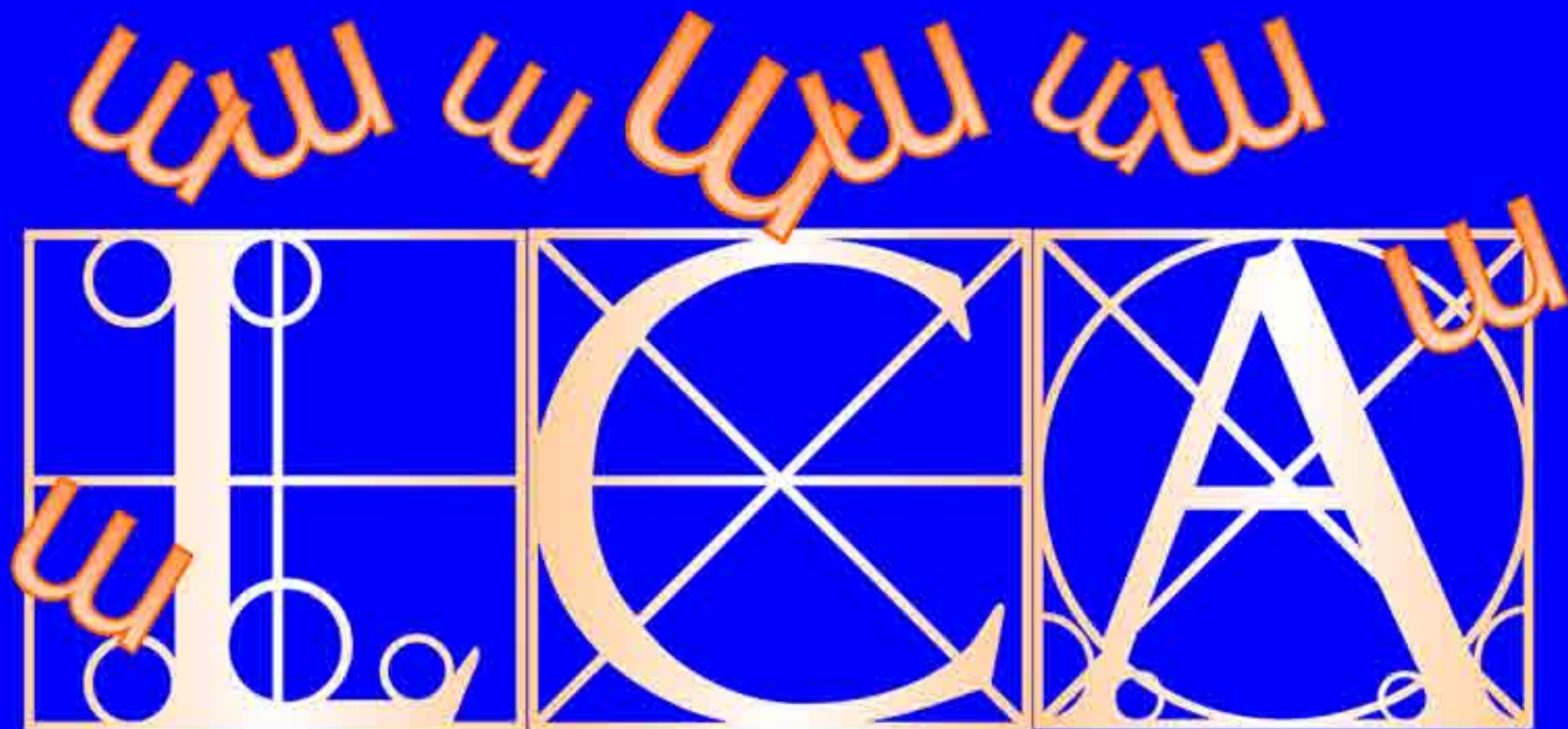
Adélia Prado



COM LICENÇA POÉTICA

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta,
anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me
cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza
e
ora sim, ora não, creio em parto
sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a
sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição
pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

Bagagem,
Nova Fronteira, 1979.



Laís Corrêa de Araújo

GEOMETRIA

Para calcular
o valor de A
basta saber que
duas linhas paralelas
só se encontram
no infinito

- instante do gozo.

Para calcular
o valor de B
basta saber que
as forças de ação e reação
têm módulos iguais e são
diretamente opostas

- seios contra corpo.

Para calcular
o valor de C
basta concluir a
lei da inércia
(mera hipótese)
com que a concha
abriga o movimento.

Inventário 1951/2002.
Editora UFMG, 2004.



Laís Corrêa de Araújo

CANÇÃO BANAL

Ó pálida folha escrita
por minha letra assustada,
vá dizer ao meu amado
que dele não quero nada.

(Que eu dele não queria nada,
nem tampouco compaixão)
Que não se apague a face
que eu guardo no coração.

Que não me venha buscar,
me respeite essa distância,
me sinta sem me beijar.

Pois ai dele se não for,
como o deseja essa ânsia,
como o espera esse amor.

Inventário 1951/2002.
Editora UFMG, 2004.





Ficha Técnica

EXPOSIÇÃO ITINERANTE

MULHERES NA POESIA BRASILEIRA

Governador do Estado de Minas Gerais
Aécio Neves

Secretária de Estado de Cultura
Eleonora Santa Rosa

Secretário-Adjunto de Cultura
Marcelo Braga

Superintendente de Bibliotecas Públicas
Maria Augusta da Nóbrega Cesarino

Curadoria
Maria Augusta da Nóbrega Cesarino
Graça Maria Fragoso

Design Gráfico
Bernadete Nery

Itinerância
Coordenação do Sistema Estadual de
Bibliotecas Públicas Municipais

Apoio:
Companhia Energética de Minas Gerais
- CEMIG